



**III CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## **“DITABRANDA NUNCA HOUE, DITADURA NUNCA MAIS”<sup>1</sup>: DISCUTINDO DITADURA E POESIA NO ENSINO DE HISTÓRIA.**

Autora: Rosicleide Henrique da Silva.

**Resumo:** Desde o ano de 2014, período que ressaltou os Cinquenta anos do Golpe Militar no Brasil, ganhou-se destaque na sociedade, principalmente nas Universidades, discussões acerca da Ditadura Militar no Brasil. Observando as necessidades de tais discussões também no ambiente escolar, surge o Projeto “Ditadura e poesia: um diálogo possível na história da educação” no segundo semestre de 2015, a partir da professora Rosicleide Henrique da Silva ao lecionar para alunos e alunas do Terceiro Ano Noite da Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio Dom Adauto, na cidade de Serra Redonda, Paraíba. O presente artigo tem o objetivo de evidenciar como se deu essa experiência de ensino aprendizagem diferenciada entre docente e discentes numa escola pública do Estado da Paraíba. Dessa forma, para falar sobre Ditadura Militar optou-se por analisar, a partir das letras de Poemas, como se dava o movimento de contestação ao regime militar, uma vez que a Poesia ousava falar à sociedade o que não era permitido à época. Dentre os poemas analisados destacam-se Maio 1964, de Ferreira Gullar. Durante a realização do Projeto, foram utilizados materiais audiovisuais, cartazes e letras de Poemas sobre a temática estudada.

**Palavras-Chave:** Escola, Ensino de História, Ditadura Militar, Poesia, Sociedade.

---

<sup>1</sup> A referida afirmação dá ênfase ao nome do Cordel Ditabranda Nunca Houve, Ditadura Nunca Mais, cuja autoria é de Cipriniano Neto.



**Introdução:** Sou Professora da Rede Pública no Estado da Paraíba desde o ano 2008 com lotação na cidade interiorana de Serra Redonda. Como docente na área de História, e por possuir Mestrado também nessa área, venho desenvolvendo pesquisas sobre a Ditadura Militar na Paraíba (1964-1985). Decidi lançar a proposta de um Projeto que contemplasse essas discussões em sala de aula, surgindo à ideia do Projeto intitulado “Ditadura e Poesia: Um diálogo possível na História da Educação” que tinha como necessidade trabalhar a temática Ditadura Militar de forma lúdica. Para isso relatei a temática Ditadura e Poesia como um diálogo possível de ser analisado no contexto da História da Educação.

É interessante ressaltar que com a instauração do golpe militar no Brasil em dia 31 de março de 1964, a repressão ganha destaque no cenário brasileiro passando a atingir diversos movimentos sociais tais como: o movimento estudantil, movimento dos trabalhadores do campo (Ligas Camponesas), bem como o movimento de cultura popular, o CPC (Centro Popular de Cultura) da UNE que fora inspirado no MCP (Movimento de Cultura Popular), onde atuava o educador Paulo Freire que se tornou referência para a educação no Brasil. Sabendo-se que as discussões sobre Ditadura Militar ainda são escassas no ambiente escolar, pois se percebe, entre os Professores de História, certa aversão à temática devido às

dificuldades de lidar com muitos dos acontecimentos que marcaram a vida da sociedade brasileira como a perseguição, tortura e morte. Vale salientar que, desde o ano de 2014, período que ressalta os Cinquenta anos do Golpe Militar no Brasil, essas discussões vem sendo realizadas nas Universidades e na sociedade, mas no ambiente escolar ainda é visível certa restrição.

Com o intuito de trabalhar a temática Ditadura Militar de uma forma diferenciada, optamos por analisar, a partir das letras de Poemas, como se dava o movimento de contestação ao regime militar, haja vista que a Poesia ousava falar à sociedade o que não era permitido à época. Nesse sentido, objetivamos trazer, para sala de aula, discussões acerca do período ditatorial no Brasil relacionado ao viés cultural como forma de envolver os alunos nas discussões relacionadas à Ditadura e Poesia.

**Justificativa:** Foi escolhida a turma do 3º ano Regular, Turno Noite da Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio Dom Adauto, na cidade de Serra Redonda-PB, pois é nessa escola que leciono. O conteúdo acerca da Ditadura Militar é matéria curricular para essa turma, apesar de compartilharmos da ideia de que essas discussões poderiam ser desenvolvidas em qualquer outra turma do Ensino Médio. No entanto, o primeiro passo foi conversar com a turma sobre a proposta de montarmos um projeto a



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

fim de discutirmos sobre a temática Ditadura Militar.

Após essa conversa inicial sobre o Projeto, foi elaborado um questionário sobre a temática como forma de verificar se os alunos e alunas tinham conhecimentos acerca do tema. Ao analisar as respostas verifiquei que os nossos discentes não souberam relatar sobre a temática, pois tinham poucos conhecimentos prévios sobre o assunto.

**Metodologia:** Depois de fazer esse primeiro levantamento entre os alunos sobre a temática, resolvi iniciar as discussões acerca do período ditatorial no Brasil apresentando e discutindo através do uso de Datashow uma contextualização desse momento, evidenciando o que representou o golpe militar no Brasil no ano de 1964, bem como os seus desdobramentos, uma vez que a repressão e censura ganhou mais destaque a partir desse momento.

Esse foi um momento da aula bem interessante, haja vista que foram realizados questionamentos acerca desse período. Dessa forma, percebi que o assunto a ser discutido foi sendo instigadas aos poucos entre os discentes e à medida que iam surgindo dúvidas, elas iam sendo discutidas, analisadas e respondidas ao decorrer do processo de ensino aprendizagem.

Depois de iniciarmos as discussões sobre Ditadura Militar, partimos para o levantamento de dados, ou seja, a turma foi dividida em grupos que ficariam responsáveis pela pesquisa sobre Poemas que refletissem o período ditatorial no Brasil. Surgiu, nesse contexto, a ideia, por parte de uma aluna, de pesquisarmos também

sobre cordéis, ideia que foi bem recebida entre os demais discentes. Dessa forma, as aulas posteriores foram a respeito de quais poemas e cordéis iriam ser analisados no Projeto.

Escolhidos os Poemas, a turma foi dividida em equipes. Cada equipe ficou responsável por estudar, analisar e apresentar um Poema que tivesse relação com o período ditatorial no Brasil. Dessa forma, iríamos abordar a temática Ditadura Militar a partir das letras de Poemas e o conhecimento acerca de tais estudos iria ser socializado com os demais alunos. Nesse sentido, compreendemos a partir de Durkheim (2012) que "a educação tem justamente por objetivo construir o ser social. Nela, portanto, podemos ver resumidamente, de que maneira esse ser constituiu-se ao longo da história".

Com o objetivo de propiciar uma aprendizagem, de forma prazerosa e significativa, aos meus alunos e alunas bem como favorecer a prática da leitura, compreensão, reflexão e escrita de textos decidi relacionar a temática Ditadura Militar a produção de textos. Para cada apresentação dos grupos, os demais alunos deveriam produzir um relatório acerca do que tinha compreendido sobre a temática estudada. Dessa forma, instigamos nossos alunos a desenvolverem um olhar crítico sobre e época estudada, aprimorando suas habilidades de leitura, compreensão e escrita.

**Resultados e discussão:** Com o início dos Seminários, os discentes entrariam definitivamente em cena ao apresentando, discutindo e socializando com os demais colegas de



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

turma os resultados de suas pesquisas. Os alunos e alunas fizeram uso de Datashow, confecção de cartazes e apresentações de vídeos como forma de melhor interagir com o restante da turma. Dessa forma, em sala de aula, foram colocadas em prática novas formas de aprendizagem a partir da interação e utilização de novos recursos, as chamadas tecnologias da Educação. A turma do terceiro ano Noite, na qual realizei o Projeto, é uma turma relativamente pequena, os alunos formaram duplas após termos escolhidas os Poemas.

A primeira Dupla formada pela aluna Gilmara e pelo aluno Gustavo discutiram uma Poesia de Ferreira Gullar denominada Poesia de Protesto e de Resistência. Foi evidenciada a trajetória do autor, marcada pela poesia enquanto expressão de resistência aos anos da Ditadura Militar, uma vez que sua vida também teve essas marcas de tortura. Abaixo, segue o Poema.

Maio 1964

Na leiteira a tarde se reparte  
em iogurtes, coalhadas, copos  
de leite  
e no espelho meu rosto. São  
quatro horas da tarde, em maio.  
Tenho 33 anos e uma gastrite. Amo  
a vida  
que é cheia de crianças, de flores  
e mulheres, a vida,  
esse direito de estar no mundo,  
ter dois pés e mãos, uma cara  
e a fome de tudo, a esperança.  
Esse direito de todos  
que nenhum ato  
institucional ou constitucional  
pode cassar ou legar.  
Mas quantos amigos presos!

quantos em cárceres escuros  
onde a tarde fede a urina e terror.  
Há muitas famílias sem rumo esta  
tarde  
nos subúrbios de ferro e gás  
onde brinca irremida a infância da  
classe operária.  
Estou aqui. O espelho  
não guardará a marca deste rosto,  
se simplesmente saio do lugar  
ou se morro  
se me matam.  
Estou aqui e não estarei, um dia,  
em parte alguma.  
Que importa, pois?  
A luta comum me acende o sangue  
e me bate no peito  
como o coice de uma lembrança.

A segunda dupla formada pela aluna Lidiane da Silva e pelo aluno Patrício Elias apresentaram e discutiram o Poema Os Primeiros tempos d Tortura do Poeta Alex Polari. Segue o Poema para conhecermos melhor:

Os Primeiros Tempos da Tortura  
Não era mole aqueles dias  
de percorrer de capuz  
a distância da cela  
à câmara de tortura  
e nela ser capaz de dar urros  
tão feios como nunca ouvi.  
Havia dias que as piruetas no pau-de-  
arara  
pareciam rídiculas e humilhantes  
e nus, ainda éramos capazes de corar  
ante as piadas sádicas dos carrascos.  
Havia dias em que todas as  
perspectivas  
eram prá lá de negras  
e todas as expectativas  
se resumiam à esperança algo cética



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

de não tomar porradas nem choques elétricos.

Havia outros momentos em que as horas se consumiam à espera do ferrolho da porta que conduzia

às mãos dos especialistas em nossa agonia.

Houve ainda períodos em que a única preocupação possível era ter papel higiênico

comer alguma coisa com algum talher saber o nome do carcereiro de dia ficar na expectativa da primeira visita o que valia como um aval da vida um carimbo de sobrevivente e um status de prisioneiro político.

Depois a situação foi melhorando e foi possível até sofrer ter angústia, ler

amar, ter ciúmes

e todas essas outras bobagens amenas que aí fora reputamos como experiências cruciais.

A dupla discutiu o contexto em que foi produzido o Poema Os Primeiros Tempos de Tortura do Poeta Alex Polari ao relacionar os tipos de torturas que as pessoas sofriam quando eram presas no período ditatorial. Foram apresentadas discussões acerca do cotidiano nas prisões, relacionando as experiências torturantes dos envolvidos o que provocou na turma certa inquietação no sentido de discussão acerca do poema abordado.

Dando continuidade as discussões acerca da relação entre Poesia e Ditadura Militar como um diálogo possível no contexto da História da Educação, as alunas Maria Vitória Vitorino e Nathalie de Almeida buscaram contextualizar a

importância desse estudo no componente curricular História. Na ocasião discutiram a letra do Cordel Pela Verdade que tem como autor Silvio Prado. Podemos conferir a seguir:

Pela verdade  
Por Silvio Prado

A revolução redentora  
Dos milicos do Brasil  
Não aconteceu em março  
E não foi nada varonil  
Tendo como data histórica  
Um primeiro de abril.

Temendo uma revolução  
De caráter comunista  
Uma gente bem fardada  
E totalmente entreguista  
Botando tropas na rua  
Passou o país em revista.

E depois o que se viu  
Foi uma triste aventura  
Em que a vida democrática  
Sob os ferros da tortura  
Conheceu de perto a dor  
Que brotou da ditadura.

E foi assim desse jeito  
Com tanta proibição  
E muita gente sumida  
Sob brutal repressão  
Que um golpe militar  
Se chamou revolução.

E foi proibido pensar  
Pensamento diferente  
Do que pensavam as fardas  
De um general ou tenente  
Que criaram no país



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Situação tão deprimente.

Em tempos de guerra fria  
Instalou-se a ditadura  
E pra que ela funcionasse  
Não se abriu mão da censura  
E muito menos do recurso  
Sempre brutal da tortura.

Com o país enquadrado  
Sob as ordens desse fato  
Não podia o operário  
Temendo um duro destrato  
Tocar sua luta em frente  
Através de um sindicato.

Nem podia na escola  
Como muito se fez antes  
De forma sempre altiva  
Através dos estudantes  
Repensar a educação  
Sem projetos alienantes.

O que foi visto na escola  
E também no sindicato  
Viu-se na literatura  
Na imprensa e no teatro.  
Também música e cinema  
Amargaram esse destrato.

Mas felizmente, o país  
Tem a tradição de luta  
E mesmo que o regime  
Exigisse outra conduta  
Muita voz se levantou  
Contra tanta força bruta.

E foi preciso coragem  
Para encarar a ditadura  
De generais insensíveis  
Entregues a triste loucura  
De reduzir nossa terra  
À tão desastrada aventura.

Se eles queriam silêncio  
E também submissão  
Do povo então receberam  
Quase sempre uma lição  
Às vezes pela rebeldia  
Vinda em forma de canção.

E cantando a canção  
De um país dilacerado  
Com a voz da esperança  
Olhando sempre de lado  
O povo não perdeu o foco  
Do amanhã aguardado.

E lutando como pode  
Na construção desse dia  
Enfrentou tamanho horror  
Mas expressou sua rebeldia  
Afugentando a escura noite  
Que a ditadura exigia.

Muitos dentro da fábrica  
E pelos bairros da cidade,  
Na imprensa alternativa  
E campus da universidade  
Ou pela guerrilha no campo  
Não renunciaram a verdade.

Mas como diz o ditado,  
Pingo d' água em pedra dura  
De tanto seguir batendo  
Tanto bate até que fura  
E, o povo, de tanto bater,  
Pôs no chão a ditadura.

Já passado esse tempo  
De muita dureza e tensão,  
Ainda se vê agora,  
Cheias de apreensão,  
Fardas pedindo silêncio  
Sobre uma grave questão.

E a questão colocada



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Não possui nenhum sentido  
Porque o Brasil não pode  
Se fazer de esquecido  
Das centenas de seus mortos  
E tanto desaparecido.

Porque se hoje a nação  
É uma democracia  
Não tem porque ocultar  
Em nome da anistia  
Muitos crimes cometidos  
E tanta selvageria.

Pois todo o país pergunta:  
Qual foi o destino dado  
Ao lutador Rubens Paiva,  
Homem digno, deputado,  
Diante da própria família  
Numa noite seqüestrado?

Como pode haver silêncio  
Se na memória da nação  
Percorre o grito angustiado  
Exigindo a informação  
Que possa levar ao corpo  
Do comandante Osvaldão?

Onde estará a ossada  
Do estudante guerrilheiro  
E também do operário,  
Outro anônimo brasileiro,  
Que reagindo à ditadura  
Teve estranho paradeiro?

E se perguntas são feitas  
Precisam ser respondidas:  
Por que tão tristes verdades  
Precisam ser escondidas?  
E quem seqüestrou, torturou,  
Pondo fim a tantas vidas?

Por que exigir silêncio  
Se grita a nossa memória  
Pedindo outra leitura

Dos atos de uma escória  
Que ensangüentando o país  
Fez atrasar nossa história?

Nada de fazer silêncio  
Deletando do passado  
Sombrios porões da tortura  
Onde Fleury, o delegado,  
Cometeu monstruosidades  
Protegido pelo Estado.

Pois é injusto e incorreto  
Usar da lei da anistia  
Livrando torturador,  
Gente assim tão doentia,  
Que à sombra do Estado  
Cometeu selvageria.

No Chile e no Uruguai,  
E na Argentina também,  
Quem torturou e matou  
Ou deu sumiço em alguém  
Hoje enfrenta a justiça  
E sofre a pena que convém.

Em nome da democracia,  
Não importando a patente,  
Lá se puniu o general,  
O brigadeiro e o tenente  
E a nação, passada a limpo,  
Segue sua vida em frente.

Porém, aqui o discurso  
De muito sujeito fardado  
É que o país corre risco  
E corre risco o Estado  
Se tanto crime cometido  
Algum um dia for julgado.

E todo dia uma voz  
Escapa de algum porão,  
Pressiona e bota medo  
Como se nossa nação  
Não resistisse à verdade



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

E preferisse a escuridão.

Mas até quando o país  
Vai suportar a impostura  
De jamais poder punir  
Os agentes da tortura  
Que seqüestraram e mataram  
Em nome da ditadura?

Até quando nossa terra  
Que se diz democracia  
Continuará evitando  
Que se ponha à luz do dia  
Os fatos de uma história  
Cheia de selvageria?

Que tudo seja contado  
Sem qualquer hipocrisia  
E os valentões da tortura  
Enfrentando a luz do dia  
Possam ser sentenciados  
Sem as bênçãos da anistia.

Que a justiça seja feita  
E a grandeza da verdade  
Toque o coração da história  
Transformando a realidade  
Não permitindo entre nós  
Torturador na impunidade.

E que todo arquivo oculto  
Seja ao povo revelado  
Pra que todo documento  
Hoje em posse do Estado  
Em público possa ser lido  
E jamais ignorado.

Para fecharmos o ciclo de  
apresentações e discussões acerca dos  
Poemas relacionadas ao contexto da  
Ditadura Militar, as alunas Ludyane  
Santos e Lady Daiana deram ênfase ao  
Cordel Ditabranda Nunca Houve,  
Ditadura Nunca Mais, cuja autoria é

de Cipriniano Neto. As alunas  
chamaram atenção ao Cordel  
evidenciando que ele se apresenta de  
forma muito interessante, haja vista  
que ele é contrário à posição do Jornal  
Folha de São Paulo.

Segundo pesquisa realizada pelas  
docentes, o Jornal mencionado  
anteriormente apoiou o Golpe Militar  
de 1964 buscando afirmar que o  
período em que o Brasil vivenciou  
uma ditadura é considerado como  
Ditabranda. Cipriniano, em seu  
Cordel, critica a posição do Jornal  
evidenciando que houve uma Ditadura  
Militar e não uma Ditabranda. Segue  
o Cordel para conhecermos melhor:

Ditabranda NUNCA HOUE.  
Ditadura NUNCA MAIS

Dizem que a “dita” é a sorte  
De um povo ou de uma pessoa,  
Há “dita” ruim, “dita” boa,  
“Dita” fraca ou “dita” forte,  
“Dita” pra vida ou pra morte,  
“Dita” suja e “dita” pura,  
“Dita” clara e “dita” escura,  
“Dita” maldita ou bendita,  
Mas “dita” vira desdita  
Na maldita DITAdura!

Nas crônicas das tiranias  
Jamais viu-se em ditadura,  
Um só grama de brandura...  
Só tortura e hipocrisias;  
Somente em cabeças “Frias”  
Tanta ignomínia anda,  
Pois pra nós nunca foi branda  
A má “dita” que perdura  
Na maldita ditadura



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Da cabeça de quem manda.

Porque chamar “Ditabranda”  
Uma bruta ditadura  
Que jogou na fase escura,  
Cruel, corrupta e nefanda,  
Nossa Pátria que demanda  
Nas paredes da memória  
Ao longo da sua história  
Alguma oportunidade  
De ver-se a felicidade  
Pra quem foi jogado à escória!

Quem batiza a ditadura  
De “ditabranda” ironiza,  
Tripudia, escarra e pisa  
Quem sofreu na escravatura,  
Quem viu sua taba pura  
Sucumbir frente às bandeiras,  
Quem viu as hordas guerreiras  
Matando a fé nos Sertões  
Quem viu chibata e canhões  
Contra as almas marinheiras!

Quem por “ditabranda” chama  
Décadas de tortura e medo,  
Prisão, cassação, degredo,  
Golpes, ódio e mar de lama,  
Com certeza é porque ama  
A cartilha do fascismo,  
E além do grande cinismo  
De um jornalismo marrom  
Que chama o que é ruim, de bom,  
Pratica o mau-caratismo!

Somente um cérebro maldito  
Defende com tanto afínco

Golpe, canhão, AI-5,  
Censura, porão, conflito...  
Cospe os ossos de Frei Tito,  
Pisa na democracia...  
Eu peço a essa mente Fria:  
Por caridade não jogue  
Por sobre o túmulo de Herzog  
Seus buquês de covardia!

Só quem é da mesma laia  
De Cabo Anselmo e Fleury  
E as botas de Golbery  
Lambeu de forma lacaia,  
Só quem quer o Brasil caia  
Ao patamar de Uganda,  
Quem arapongas comanda,  
Quem deu Kombi pra tortura...  
É que chama a ditadura  
Tão cruel de “ditabranda”!

Antes que jornais burgueses  
Passem-nos Goebells nas vendas  
Dizendo mais novecentas  
E noventa e nove vezes,  
Não vamos esperar meses,  
Sequer semanas e dias  
Que essas mentes doentias  
Tão friamente fascistas  
Precisam ser sempre vistas  
Como calculistas... Frias!

Se a “Dita” foi mesmo branda  
Cadê Padre Henrique orando?  
Vandrê, onde está cantando?  
Rubens Paiva aonde anda?  
Honestino a quem comanda  
Na batalha estudantil?  
Cadê Dina varonil?



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Fiel Filho onde faz greve?  
Herzog agora, onde escreve?  
Cadê teus filhos, Brasil???????

Quem ensinou censurar,  
Quem da OBAN foi reboque,  
Quem noticiou que Roque  
Morreu, antes de expirar,  
Não poderá criticar  
Fábio e Vitória jamais...  
Tem rabo preso demais  
Mas não com quem lê nem ouve...  
Ditabranda NUNCA HOUVE  
Ditadura NUNCA MAIS

Após a realização das atividades referente ao Projeto, decidi questionar os alunos e alunas a respeito do que estes tinham compreendido acerca da temática trabalhada, analisada e discutida em sala de aula. Dessa forma, constatei que o Projeto foi válido, pois eles já sabiam discutir a respeito da temática Ditadura Militar.

**Conclusões:** Acredito que dei uma contribuição significativa para o conhecimento dos meus alunos e alunas acerca do período denominado Ditadura Militar no Brasil ao elaborar e desenvolver, em sala de aula, uma temática pouco ou explorada no ambiente escolar. Nesse sentido, apresentamos e colocamos em prática, de maneira individual e coletiva, pesquisas, discussões e questionamentos sobre a temática Ditadura. Utilizamos o viés cultural, abordando Poemas e Cordéis que evidenciavam o período estudado, contando com a contribuição e colaboração dos nossos discentes, tão

importantes nesse processo de ensino-aprendizagem.

É interessante ressaltar que essa dinâmica realizada, em sala de aula, procurou fugir dos percursos tradicionais de ensino onde as atividades realizadas nesse processo estão centradas apenas na figura do Professor. Sendo assim, levar nossos discentes ao desenvolvimento de suas habilidades de senso crítico e realidade social, impulsiona a realização de sua aprendizagem por meio da interação, problematização e construção do conhecimento.

### **Referências Bibliográficas:**

BAUER, Caroline Silveira e GERTZ, René E. Fontes sensíveis da história recente. In: O historiador e suas fontes. Carla Bassanezi Pinsky e Tania Regina de Luca (Orgs). –São Paulo: Contexto, 2009.

BLOCH, Marc Leopold Benjamim. A observação histórica In: Apologia da história, ou, O ofício de historiador; prefácio, Jacques Le Goff; apresentação à edição brasileira, Lilia Moritz Schwarcz; tradução, André Telles.- Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ECLÉA, Bosi. Memória e sociedade: lembranças de velhos- 3.ed.- São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

LE GOOF, Jacques. História e Memória. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

LEITÃO, Rui César. 1968- O grito de uma geração. Campina Grande: EDUEPB, 2013

Paulo Sérgio do. 1950- Culturas da rebeldia: a juventude em questão- São Paulo; Editora SENAC. São Paulo, 2001.



## III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

POERNER, Arthur José. O Poder Jovem: História da participação política dos estudantes brasileiros- Rio de Janeiro: 1968. Civilização Brasileira.

REIS FILHO, Daniel Aarão. 1968: a paixão de uma utopia. 3º edição ver e atual. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

RIDENTI, Marcelo. Classes Sociais e representação- Marcelo Ridenti (apresentação Francisco de Oliveira). São Paulo: Cortez, 1944- (Coleção questões da nossa época v. 31).

RIDENTI, MARCELO. O Fantasma da Revolução Brasileira. 2ª ed. rev. E ampliada. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

DURKHEIM, Émile, 1859-1917. As regras do método sociológico. Tradução de Maria Isaura Pereira de Queiroz- 12 ed- São Paulo: Ed. Nacional, 2012.

SANTANA, Flávia de Angelis. Atuação política do movimento estudantil no Brasil: 1964 a 1984. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2007.